

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### **A ciência e a técnica como instrumento para a civilização do Brasil nas páginas do *Correio Braziliense* de Hipólito da Costa (1808-1822)**

César Agenor Fernandes da Silva\*

**Resumo:** O Brasil conheceu, entre os anos de 1808 e 1822, uma empresa com relevante influência sobre a elite intelectual do período, o jornal mensal *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, editado em Londres, redigido por Hipólito da Costa (1774-1823). O principal objetivo do periodista era propagar as luzes entre os portugueses de todos os cantos e, em especial, entre os habitantes do Brasil, pois julgava que a condição das ciências e da literatura – principais meios para a ilustração – era aí bastante atrasada. Daí o jornalista ter veiculado no seu jornal, na seção Literatura e Ciência, as novidades literárias e científicas européias (inventos, patentes, viagens científicas, etc). É sobre essa partição do periódico que este trabalho trata, com objetivo de compreender o papel da ciência e da técnica no projeto de civilização de Hipólito da Costa.

**Palavras-Chave:** Correio Braziliense – Ciência – Sociedade.

**Abstract:** Brazil met, between 1808 and 1822, a business with a great deal of influence over the intellectual society, the monthly newspaper *Correio Brasiliense* or *Armazém Literário*, edited in London, written by Hipólito da Costa (1774-1823). The writer main objective was to propagate the ideas among the Portuguese, including the inhabitants of Brazil, for considering science and literature situation at this particular country, heavily behind handed. Thence the journalist maneuver on his newspaper, at the Science and Literature section, the European innovation about these themes (invention, patent, scientific travels, etc). This thesis handles the periodical participation as an objective to comprehend the function of science and technique at the civilization project from Hipólito da Costa.

**Keywords:** Correio Braziliense – Science – Society

*O primeiro dever de um homem em sociedade é ser útil aos membros dela; e cada um deve, segundo as suas forças Físicas, ou Moraes, administrar, em benefício da mesma, os conhecimentos, ou talentos que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou. O individuo que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais distinto dela: as luzes, que ele espalha, tiram das trevas, ou da ilusão, aqueles, que a ignorância precipitou no labirinto da apatia, da inépcia, e do engano. Ninguém mais útil pois do que aquele que se destina a mostrar, com evidência, os acontecimentos do presente, e o trabalho dos redatores das folhas publicas, quando estes, munidos de uma critica sã, e de uma censura adequada representam os fatos do momento, as reflexões sobre o passado, e as sólidas conjecturas sobre o futuro.*

*Hipólito da Costa, junho de 1808*

---

\* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UNESP campus de Franca, sob orientação do Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França.

A epígrafe deste texto deixa muito claro qual era o papel que acreditava exercer Hipólito José da Costa na sociedade brasileira e também aponta qual a função que as folhas públicas deveriam assumir, de acordo com o redator na introdução do seu *Correio Braziliense*, para contribuir na missão de propagar as luzes e “tirar das trevas, ou da ilusão aqueles que a ignorância atirou no labirinto da apatia”.

Tal como Joaquim José de Ataíde, presidente da extinta Sociedade Literária do Rio de Janeiro, no ocaso do século XVIII – que dizia “o homem nasce com paixões que o alucinação, e necessita de luzes, que o possam conduzir; nasce ignorante e necessita instruir-se” (RIHGB, 1882) –, Hipólito da Costa empregou seus esforços no sentido, sobretudo, de levar as luzes ao que, no primeiro volume de sua empresa, denominou o “novo Império do Brasil”. Ainda na introdução, em 1 de junho de 1808, o redator explicitava as razões que o tinham impulsionado a publicar seu periódico: “levado destes sentimentos de Patriotismo, e desejando aclarar os meus compatriotas, sobre os fatos políticos civis, e literários da Europa, empreendi este projeto, o qual espero mereça a geral aceitação daqueles a quem dedico”. “(...) quero, além disso, traçar as melhorias das ciências, das artes, e n’uma palavra de tudo aquilo, que pode ser útil a sociedade em geral” (CORREIO BRAZILIENSE, v.1, n.1, 1808, p.4).<sup>1</sup>

O objetivo de tirar os homens que nascem incultos das trevas, da ignorância e da ingenuidade representou a grande tópica do pensamento iluminista desenvolvido por toda a Europa desde o século XVIII, porém, vale realçar que a *Aufklärung* teve temporalidades e versões variadas no Velho e no Novo Mundo. No Brasil, a “época das luzes” teve seu início com a transferência da Corte portuguesa e, como nos esclarece Antonio Candido, entre os temas produzidos pela intelectualidade no período, a tópica central, a instrução, se configurou como uma “agenda” (CANDIDO, 1981, p.240).

A instrução tão defendida e apregoada por esses homens da virada do setecentos para o oitocentos vinha acompanhada de uma valorização das letras, da literatura e da organização do conhecimento de maneira racional, sendo assim, as ciências, ou melhor, o discurso científico, para sermos mais exatos, foi alvo de atenção especial por parte dos ilustrados luso-brasileiros do período. Discurso esse que ganharia uma grande notoriedade em muitos campos da “vida social”, ao longo do século XIX (NIZZA DA SILVA; NAXARA; 1973; 2004).

Hipólito da Costa também tinha as belas letras e a instrução na mais alta conta, nesse sentido, o redator julgou que o melhor a fazer pela “Literatura” em língua portuguesa seria a veiculação do maior número possível de obras impressas nas páginas do *Correio*. Na

---

<sup>1</sup> Doravante nas citações nos referiremos ao Correio Brasiliense utilizando a sigla **CB**.

abertura da seção “Litteratura e Sciencias”, em junho de 1808, foi feita a seguinte consideração:

*Nesse artigo das ciências se ha de dar conta das mais importantes obras, que se publicarem; pede a justiça que se publicam em Português; o que farei de tanto melhor vontade, por que conhecendo o atual estado da literatura portuguesa, não espero que esta partição me ocupe muito, tempo, nem me cause grande despesa de papel (CB, v.1, jun., 1808, p.30).*

A seção *Litteratura e Sciencias* foi a parte da empresa na qual o redator se dedicou a veicular não apenas obras que eram impressas, mas também os avanços das ciências e das artes. As outras três seções do periódico eram: *Política, Commercio e Artes* e *Miscellanea*.

No que toca à Literatura e às Ciências, foram veiculados lançamentos de escritos de natureza distintas como jornais, livros, panfletos, papéis oficiais, manifestos, e notícias, com breves descrições, de novas patentes feitas na Inglaterra. No que tange aos temas, os avanços e novidades veiculados na seção trataram ao longo dos catorze anos de existência do *Correio* de organização política, religião, viagens, periodismo (novos títulos e debates), experimentos científicos, observações astronômicas, artes, etc.

Porém, vale mencionar, que a maior parte dos textos analisados e os lançamentos anunciados eram de obras publicadas em Londres, tendo em vista que, no período das guerras napoleônicas e dos processos de independências na América espanhola, a capital inglesa recebeu muitos homens como Hipólito. Não é de se admirar que, com a variedade, abundância e facilidade de acesso a uma gama muito variada de publicações, o jornalista tenha veiculado um grande número de lançamentos literários e científicos editados nesse país (CB, v.6, n.32, p.47-51, jan., 1811). Além disso, Hipólito oferecia aos leitores portugueses o que, em sua concepção, havia de mais moderno nesses assuntos. Na comparação entre a produção literária de Portugal com a da Inglaterra, o redator disse, em inúmeras oportunidades, que a superioridade inglesa se devia a uma legislação que assegurava a liberdade de imprensa e opinião.

Mas como foram analisadas as obras “científicas”? No ramo das ciências o *Correio Braziliense* apresentou aos seus leitores grande variedade de temáticas que perpassavam várias áreas do conhecimento indo da matemática à astronomia passando pela química de alimentos e pelas questões médicas em torno da imunização. O periódico registrava novas descobertas em várias localidades da Europa como, por exemplo, na França, Inglaterra, Suécia, etc., e, por vezes, também noticiou avanços vindos dos Estados Unidos da América. Em muitas ocasiões, essas novidades eram extraídas de outros magazines como, por exemplo, a publicação escocesa *Review de Edimburgo*.

Trataremos brevemente do que foi veiculado sobre os avanços das ciências, dando alguns exemplos de quão variado eram as descobertas, pesquisas e invenções que interessaram ao jornalista e que estiveram presentes, desde a criação ao encerramento, nas páginas do periódico. Sobre astronomia, a temática recorrente foi à descoberta de novos cometas e, em alguns casos, pontos da teoria newtoniana que permitiram tal feito; terremotos recebiam ao menos notas, dando conta da localidade onde ocorreram e da intensidade nas escalas do período – que, por sinal, eram mais de uma –, bem como os estudos acerca do nível alcoólico e da fermentação de vinhos e licores. Mas o *Correio* não tratou somente das novidades científicas; os debates também ocuparam espaço nas suas páginas, como por exemplo, o travado em torno da emissão de gases combustíveis no interior das minas de carvão e no campo da ótica foi apresentada a discussão em torno da refração de cristais e de outras substâncias. Novidades científicas vindas do Brasil também ocuparam as páginas do *Correio* como, por exemplo, o estudo sobre a quantidade e a composição dos sais encontrados na água mineral de Araxá, e os seus possíveis usos na medicina e na química (CB, v.19, n.114, nov., 1817, p.524-526).

Outro debate que Hipólito apresentou como importante para o desenvolvimento da civilização girava em torno dos avanços da medicina, em especial, dos benefícios da vacinação – que foram apresentados em 1813, por meio de um relatório sobre o assunto proveniente da secretária do interior da Inglaterra. Este relatório apontou que em localidades diversas, não só na ilha, algumas doenças, como as *bexigas*, por exemplo, que tanto afligiam habitantes do velho e do novo mundo, passaram a ser remediadas e notou-se uma considerável diminuição das ocorrências da doença e mesmo a sua extinção. Os benefícios trazidos com a vacinação davam-se em uma escala muito ampla chegando a localidades como a Rússia, a França, ao Cabo da Boa Esperança, etc. Em 1819, o *Correio* deu notícias da publicação do boletim da *Academia Real de Sciencias de Lisboa*, que veiculava os benefícios e os avanços da instituição da vacina em Portugal (CB, v.23, n.135, ago., 1819, p.144).

O estado das ciências, nos domínios de Portugal, era, segundo Hipólito, o mesmo da literatura, e o principal motivo do atraso em relação às nações civilizadas era a falta de discussões públicas livres e de liberdade de opinião. Ao analisar a publicação de um texto produzido pela Academia Real de Lisboa, em 1811, o jornalista fez a seguinte consideração:

*Em um país, aonde se não permite a discussão pública, ou particular, das matérias mais importantes ao homem que vive em sociedade; não é possível que alguma ciência prospere; primeiro porque as ciências todas têm entre si tal nexa, que mal se pode conceber a interrupção de um ramo, sem que os outros se ressintam da restrição; e segundo, porque o espírito humano, para discorrer, e escolher os objetos de suas meditações necessita de plena liberdade em todos os pontos, que*

*podem ser o fim principal, ou colateral da aplicação do homem estudioso (CB, v.7, n.41, out, 1811, p.461).*

O redator do *Braziliense* tinha uma visão integrada das ciências e acreditava que a razão promoveria a felicidade dos povos. As descobertas das ciências, no entanto, em muitas ocasiões recebiam a denominação de Artes, sobretudo, quando os avanços eram referentes às questões técnicas de diversas áreas, da arquitetura/engenharia à náutica, passando pela invenção de pára-raios, por inovações do maquinário da indústria e das tipografias e pelo aperfeiçoamento de instrumentos musicais. Acresce-se a essa concepção a própria organização do *Correio Braziliense* que dispunha os conteúdos da “arte”, na seção intitulada *Commercio e Artes*.

Esta concepção que entrelaça a idéia de ciência com a idéia de arte, a bem da verdade, não esteve presente apenas no *Correio*, mas era comum entre os pensadores portugueses nascidos em todas as partes do império no período. No Rio de Janeiro, por exemplo, *O Patriota* na seção dedicada às “Artes” publicou textos cujos conteúdos tocavam as mesmas questões apresentadas no jornal de Hipólito. Textos como “*Novo modo de refinar assucar*”, “*Branqueação da cera*”, “*Memorias sobre as novas fornalhas para cozer o assucar*” são alguns exemplos do que foi veiculado aos leitores do Rio de Janeiro, entre 1813 e 1814, pelo *O Patriota*.

Esta concepção de Artes está muito ligada à idéia de indústria. Entretanto, o conceito de indústria no período ainda esperava por uma definição mais precisa, como observou José da Silva Lisboa em 1810, pois se aplicava tanto a um conjunto de fábricas e manufaturas quanto aos indivíduos que poderiam ter indústria ou ser industriosos – termo que foi muito comum nas páginas do *Correio*, sobretudo quando o seu redator se referia à qualidade de indivíduos ou de povos. A reflexão acerca desta conceituação foi feita por Silva Lisboa, de acordo com o futuro Visconde de Cairu:

*A industria é um termo ainda não exatamente definido. Em geral, nas matérias econômicas, se entende como sinônimo de trabalho ativo e assíduo. Assim diz-se que é industrioso um homem que trabalha com viveza constantemente para ganhar a sua vida; e se chama a um preguiçoso, e inerte um homem sem indústria. Porém mais ordinariamente se aplica aquele termo ao trabalho engenhoso, que executa com algum considerável grau de inteligência, para se distinguir do mero grosseiro trabalho braçal, e, com esta especialidade se usa de tal nome para se exprimir o trabalho exercido nas artes e manufaturas mais refinadas. Assim diz-se que um país tem muita indústria, quando tem mais fábricas (LISBOA In ROCHA, 2001, p.222).*

Silva Lisboa e Hipólito estão de acordo quando defendem a necessidade de articular a instrução com a instalação eficaz de indústrias para viabilizar a civilização no Brasil. Nas palavras de Silva Lisboa:

*A difusão da inteligência em artes e ciências pelo corpo da nação é que multiplica as facilidades para a introdução e prosperidade de todos os estabelecimentos úteis em geral, e com especialidade das fábricas, em que é preciso empregar máquinas engenhosas, labores esquisitos, tintas finas, ordem e método nos processo das mais complicadas operações. Depois de haver num país muitos arquitetos, maquinistas, escultores e artistas de superior escala, e igualmente sábios nas ciências naturais, é que podem aparecer as fábricas de grande importância, variedade, e beleza (LISBOA In ROCHA, 2001, p.242-243).*

Este consenso, no entanto, revela que eles acreditavam que a ampliação da literatura, das ciências, das artes e da instrução eram as condições fundamentais para o desenvolvimento de qualquer civilização e, além disso, a argumentação dos dois tinha por lastro uma série de leituras comuns, que incluíam, por exemplo, os escritos de Adam Smith, Edmund Burke, Locke, entre outros.

A respeito das outras civilizações Hipólito, como era comum no seu tempo, demonstrou grande interesse pelas descrições de terras estrangeiras, pelas então muito populares relações de viagem. O *Correio Braziliense* noticiou e comentou, por exemplo, expedições científicas em algumas regiões do velho mundo, como à Espanha, Polônia, Suécia, Rússia,<sup>2</sup> Grécia, a Ilha da Madeira, etc. Essas viagens eram quase sempre financiadas pelos governos ou pelas academias de literatura e ciência, como a *Real Academia de Ciências da Suécia*, que, segundo veiculava o *Correio Braziliense*, já se destacava no cenário europeu.<sup>3</sup> As análises publicadas nas páginas do periódico londrino eram feitas de maneira bem cuidadosa, pois, o redator descrevia o conteúdo do texto e, geralmente, publicava excertos que ele próprio traduzia, para que seus leitores pudessem tomar contato com estas narrativas que tanto poderiam contribuir para instruí-los.

A falta de instrução adequada ao povo ocasionava um grande desperdício do potencial natural do país. Esse era o discurso, diga-se de passagem, que pintava o Brasil como um “gigante pela própria natureza”. E isso não só nas descrições dos viajantes – que ajudaram na formulação de um enunciado que definiria o país nesse sentido (SÜSSEKIND, 1990) –, mas também na fala dos próprios ministros de D. João VI – como pode ser notado a partir do edital que “convocava” a missão francesa em 1816 (Cf. SCHWARCZ, 2002, p.310) – e, sobretudo, no pensamento dos letrados brasileiros.

<sup>2</sup> No caso da Rússia, por exemplo, foi noticiado a publicação de um relato de viagem científica em direção aos mares Negro e Cáspio, que tinha o intuito de estudar a diferença de altura entre os dois mares, afim de determinar qual estava em nível mais elevado para que se pudesse abrir canais de comunicação entre estes.

<sup>3</sup> Atualmente esta academia é responsável pela concessão do Prêmio Nobel em suas mais diversas categorias.

Contudo, Hipólito, mesmo considerando que a ação do Governo do Rio de Janeiro promovia avanços para a civilização do Brasil, discordou sistematicamente dos rumos que os governantes tomavam, sobretudo quando se tratava da liberdade de imprensa e da centralização do conhecimento nas mãos dos poderes sacro e régio. Desta forma, sempre que teve oportunidade, apontou, nas páginas do *Correio Braziliense*, que, ao negar a possibilidade dos debates públicos sobre as suas ações ou de particulares, o governo impedia que os erros e arbitrariedades cometidas pelos homens públicos se remediassem e que a literatura e as ciências do país atingissem o patamar daquelas das nações mais civilizadas do velho mundo, contribuindo assim para a afirmação de que o português (de Portugal, do Brasil, etc.) não era talhado para as ciências.

A ampla divulgação da artes e das ciências nas páginas do *Correio Braziliense ou Armazém Literário* ganharam um duplo significado: primeiramente, eram consideradas matérias sem as quais não poderia haver povo industrioso e, por isso ensaios e notícias sobre tal temática não deixaram de constar e muito menos de terem sua importância ressaltada no periódico; em segundo lugar, ao veicular conhecimentos que seriam censurados nos domínios de Portugal, Hipólito acreditava que estava dando sua contribuição para a iluminação dos brasileiros.

### Referências bibliográficas

- COSTA, Hipólito José da. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. edição fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, Brasília: Correio Brasiliense, 2001 (31 volumes).
- O PATRIOTA* - Jornal Literário, Político e Mercantil. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, mar. de 1813 a dez. de 1814.
- ATAHIDE, Joaquim Jozé de. *RIHGB*, Rio de Janeiro, t.XLV, 1ª parte, 1882. Disponível em: <<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/>>>. Acesso em: janeiro de 2007.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos) 1750-1836*. 8.ed. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica*. Brasília: UNB, 2004.
- ROCHA, Antonio Penalves (org. e introd.) *José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu*. São Paulo: Ed. 34, Coleção Formadores do Brasil, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Linguagem, Cultura e Sociedade: o Rio de Janeiro de 1808 a 1821*. São Paulo, 2.v., 1973. Tese (livre docência em Teoria da História) – FFLCH/USP.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.